

A ESTAÇÃO ROMANA DA BARRAGEM DA MARATECA

CASTELO BRANCO

Rogério Carvalho *

Clara Vaz Pinto **

INTRODUÇÃO (1)

Os trabalhos de remoção de terras para o paredão da barragem da Marateca, situada na freguesia de Póvoa de Rio de Moinhos, do concelho e distrito de Castelo Branco, puseram a descoberto, nos inícios do ano de 1987, um núcleo de ruínas atribuíveis ao período romano.

Tendo tomado conhecimento da natureza dos achados, nos finais do mês de Março, teve início, por decisão do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro — Instituto Português do Património Cultural, o estudo da estação arqueológica, através da respectiva escavação de emergência.

A primeira fase dos trabalhos decorreu durante os meses de Junho e Julho, tendo-se procedido a uma segunda fase, nos meses de Outubro e Novembro, que correspondeu ao encerramento dos trabalhos.

GEOMORFOLOGIA

Geograficamente, a estação caracteriza-se pela sua inserção na peneplanície que precede a Serra da Gardunha, encontrando-se muito próximo do

primitivo leito do rio Ocreza, na sua margem direita (Fig. 1). Organiza-se sobre o declive suave de uma ligeira encosta, predominantemente exposta a Sul, que no momento do achado, se encontrava já parcialmente submersa pelas águas da albufeira, então em fase de enchimento.

Do ponto de vista geológico, insere-se na mancha de rochas intrusivas, que se estende para Norte de Castelo Branco, constituídas por granitos porfiróides de grão grosseiro; os solos onde se procedeu à sua implantação, são essencialmente constituídos por argilas assentes sobre o soco granítico, em desagregação. Por tal facto, o microtopónimo *Barreira da Igreja* seja utilizado para designar o sítio (2).

TRABALHOS ANTERIORES

A estação arqueológica em estudo era, na prática, completamente desconhecida. De facto, o trabalho de levantamento de sítios e estações arqueológicas, que antecedeu o arranque da obra, não se lhe refere (F. Henriques; J. Caninas, 1988). Iguamente omissa no *Roman Portugal* (J. Alarcão, 1988: 73), que refere uma ponte, possivelmente romana. Da mesma forma, alguns materiais existentes no acervo do Museu de Francisco

* Sócio efectivo da SPAE.

** Directora do Museu de Francisco Tavares Proença Jr.

(1) O presente artigo constitui, com pequenas alterações, o conteúdo de uma comunicação apresentada nas «Primeiras Jornadas de História Regional do Distrito de Castelo Branco», realizadas naquela cidade entre 13 e 15 de Novembro de 1987, e cujas Actas nunca foram, até ao momento, objecto de publicação.

(2) As coordenadas hectométricas de Gauss, na Carta Militar na escala 1:25.000, folha n.º 268, ed. 1974, são as seguintes: M – 255,3; P – 334,4.

Tavares Proença Jr., em Castelo Branco, dados como provenientes de Santa Águeda, não estão acompanhadas de qualquer outra especificação que os atribua ao sítio em análise.

CONDIÇÕES DE ACHADO

Na Primavera de 1987, as máquinas da empresa construtora da Barragem de Marateca,

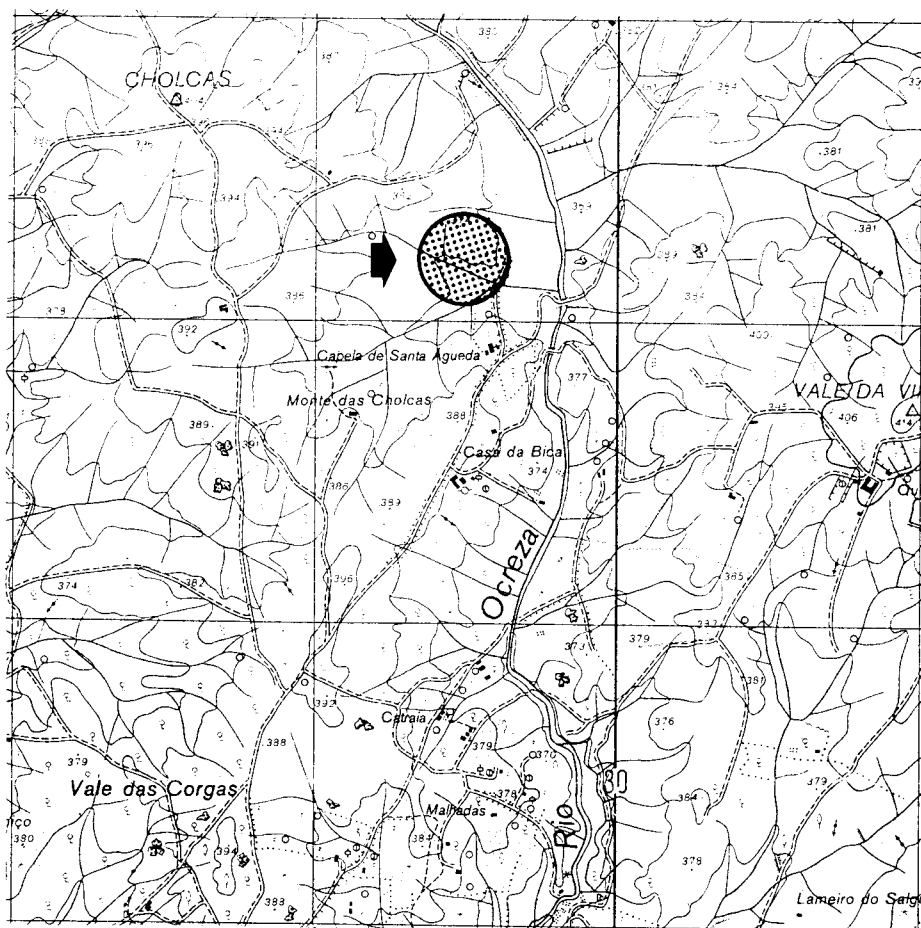


Fig. 1 — Fotocópia de Carta Militar, escala 1:25.000, folha n.º 268, ed. 2 — S.C.E.P., 1974, com a localização da estação arqueológica devidamente assinalada.

Para além da capela dedicada a Santa Águeda e respectivo complexo envolvimento de lagariças e cavidades petrogravadas nos afloramentos, apenas era conhecida a existência de uma ponte, com respectiva calçada de acesso, sobre o rio Ocreza.

Quando ali nos deslocamos, verificamos que parte dos sítios referenciados, ou se encontravam já submersos pela albufeira criada pela obra em curso, como era o caso da ponte e das respectivas vias de acesso, ou se encontravam já destruídos, como aconteceu com alguns petróglifos, cujos afloramentos foram quebrados para aproveitamento da pedra, utilizada com o paramento no muro da barragem.

quando efectuavam trabalhos de terraplanagem, puseram a descoberto um forno cerâmico, que foi parcialmente arrazado (R. Carvalho, 1991: 343-351). Na cota mais elevada da colina, puseram igualmente a descoberto diversos alicerces, grande quantidade de cerâmicos, predominantemente de construção, e a boca de um «dolum». Em face dos achados, decidiu o engenheiro responsável pela obra, suspender os trabalhos naquela área, e alertar as entidades competentes para a sua potencial importância. Confrontados com a evidente situação de emergência, decidiu-se pela imediata escavação das ruínas recém-descobertas.

Aos trabalhos, iniciados sob direcção dos signatários do presente artigo, presidiram duas preocupações dominantes: por um lado, efectuar o reconhecimento das estruturas construídas, áreas funcionais e respectiva ocupação, em termos cronológicos; por outro lado, preceder à recolha e registo do maior volume possível de informação sobre a estação, porquanto a obra em curso iria submergir, num curto espaço de tempo, toda a zona ⁽³⁾.

METODOLOGIA

A escavação iniciou-se com os trabalhos prévios de topografia, registados na escala de 1:200, de colaboração com o Gabinete de Apoio Técnico local ⁽⁴⁾; procedeu-se à implantação de um eixo de orientação Norte-Sul cartográfico, que serviu de ponto de partida para a organização da quadrícula. A altimetria do terreno foi levantada a partir de um ponto convencional, designado por P.Ø, cuja cota era 374,93 metros.

Em seguida, organizou-se, ao nível do terreno, uma quadrícula de cinco metros de lado, coordenada por um sistema de referências numéricas, segundo o eixo Este/Oeste, e alfabéticas, segundo o eixo Norte/Sul. Nesta, inscreveram-se quadrados de 4x4 metros, deixando como testemunhos e espaços de circulação as *banquettes* Norte e Este, com 1 metro de largura (Fig. 2).

Devido à escassez de tempo disponível e à dimensão da área a escavar, optou-se por uma intervenção em superfície, de forma a poder determinar os limites da zona construída. Como as terraplanagens tinham alterado profundamente os registos estratigráficos, nos locais onde se revelava maior potência de solo, procedia-se a decapagens horizontais finas, para reformular uma estratigrafia inexistente. O método seguido permitiu, numa primeira fase, proceder à rápida detecção de diferentes estruturas construídas, tanto ao nível dos alicerces como dos pavimentos. As zonas de circulação melhor definidas, foram as que se

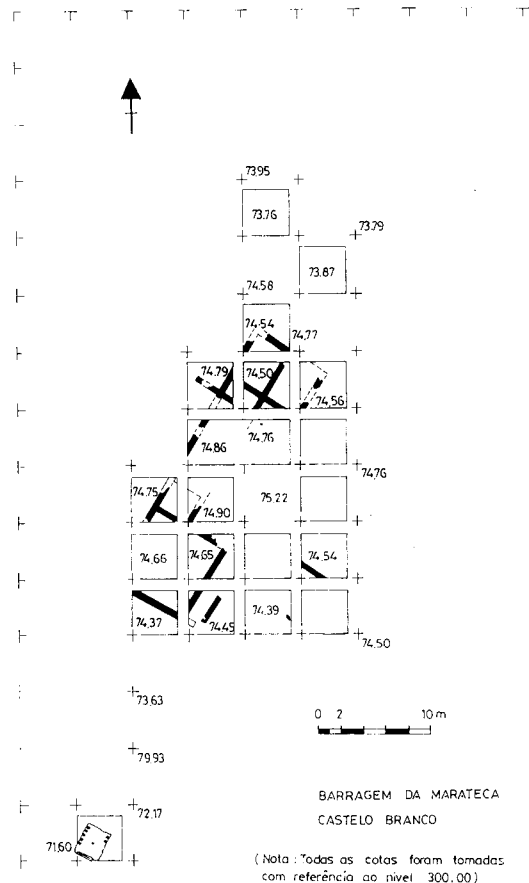


Fig. 2 — Planta geral da área escavada, com implantação das estruturas de construção.

encontravam assinaladas por soleiras, em granito aparelhado, que abriam para salas de pavimento térreo.

ESTRUTURAS E ESPÓLIO

O conjunto exumado aponta no sentido da definição da planta de um edifício de dimensões consideráveis, com 30 metros de frontaria, orientado segundo um eixo Norte/Sul magnético.

As estruturas de elevação, em aparelho de «pedra-seca», poderão ter construído o suporte de

⁽³⁾ A autorização para procedermos à publicação do presente artigo foi-nos concedida por ofício n.º 677/91, P.º 05.02.18/20, de 91.07.22, da Divisão de Arqueologia da Delegação Regional de Coimbra do I.P.P.C.

⁽⁴⁾ Agradecemos ao Gabinete de Apoio Técnico de Castelo Branco, e em particular ao seu director, engenheiro Ramalho Eanes, as facilidades concedidas. Agradecemos igualmente ao executivo da Câmara Municipal de Castelo Branco na pessoa do seu presidente, Dr. César Vilafranca, os apoios que tornaram possível concretizar esta acção.

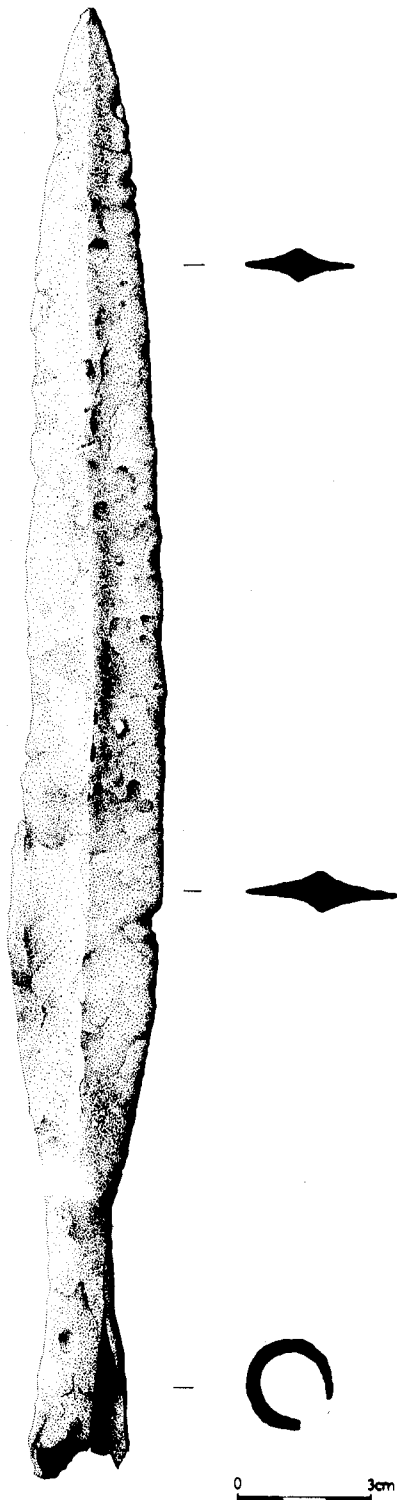


Fig. 3 — Ponta de lança em ferro, com alvado.

paredes em taipa, de que restam, em algumas zonas, grande concentração de seixos rolados, normalmente utilizados neste tipo de constru-

ção. As estruturas pavimentares, são essencialmente construídas pelo aproveitamento do saibro da base e, em uma única sala, por um *opus* grosseiro de barro argamassado com areia e cerâmica triturada.

A estratigrafia da estação é difícil de estabelecer e de reconhecer: a camada de solo vegetal foi, por completo, removida, não existindo em nenhum ponto da estação, um registo integralmente preservado. A acção das máquinas também não foi regular, tendo penetrado na camada arqueológica a profundidades cujos valores não são iguais para toda a estação. Assim, existem áreas onde as máquinas destruíram todos os registos, indo até à rocha-base, e depois carreando os entulhos para outras áreas, igualmente violadas. Em algumas zonas, a pá das niveladoras acompanhou o registo superior do derrube de um telhado; são espaços de dimensões muito reduzidas, onde o trabalho de escavação se revelou mais lento, devido à utilização de métodos de decapagem horizontal muito apertada, e onde se colheram maiores resultados.

A estrutura do forno, de planta quadrangular, encontra-se afastada 20 metros da zona habitacional; entre o forno e o edifício escavado não restam quaisquer tipos de vestígios, devido à destruição operada, embora seja clara a relação de complementaridade existente entre ambas as estruturas.

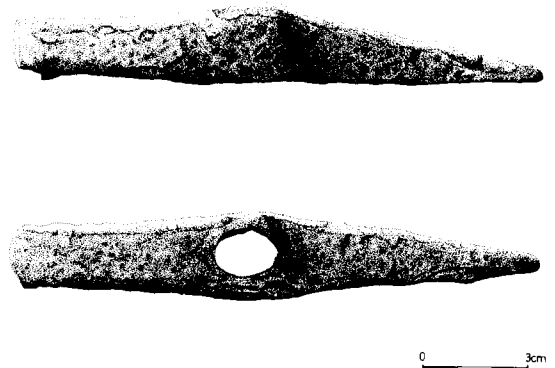


Fig. 4 — Pequeno martelo, em ferro, de orifício central elíptico, cabeça quadrangular e haste troncocónica.

O espólio recolhido é, na sua grande maioria, constituído por cerâmicas comuns (Fig. 5 e 6), das quais ressaltam, pela grande variedade tipológica, os bordos de *dolia*; raros fragmentos de *terra*

sigillata hispânica tardia e norte africana e alguns fragmentos de lucernas, completam, em traços gerais, o espólio cerâmico. Fragmentos de taças de vidro verde, de bordo tubular, igualmente tardios, fecham o leque das referências que permitem o balizamento de uma cronologia de ocupação.

Os materiais metálicos são, na quase totalidade, formados por pregos de dimensões variáveis, que, por aparecerem associados aos materiais de cobertura (*tegullae, imbricis*), devem ter sido utilizados para fixação dos caibros do telhado. Destaque merecem uma ponta de lança, com alvado (Fig. 3), bem assim como um pequeno martelo, de utilização oficinal (Fig. 4).

NOTA FINAL

Dadas as condições peculiares em que se deu o achado da estação, foram particularmente difíceis

os trabalhos de escavação, em parte devido à ausência de registos estratigráficos preservados, em parte pelo reduzido tempo que dispunhamos para concluir a intervenção.

Foi possível identificar e delimitar uma zona construída, que, pelo tipo de materiais, deverá ter sido ocupada até ao século V, patenteado pela *Sigillatas Claras C e D*; em rigor, não nos foi possível compreender a fase final de ocupação, se esta corresponde a um horizonte de destruição ou de abandono.

Pela tipologia das estruturas construídas, confirma-se a existência de um forno, numa cota inferior, e na parte cimeira da colina, um edifício utilizando aparelhos de construção pouco cuidados, tanto ao nível das paredes como dos próprios pavimentos. A abundância e variedade de diferentes tipos de *dollia*, em contraste com a escassez de cerâmicas mais finas, como as de

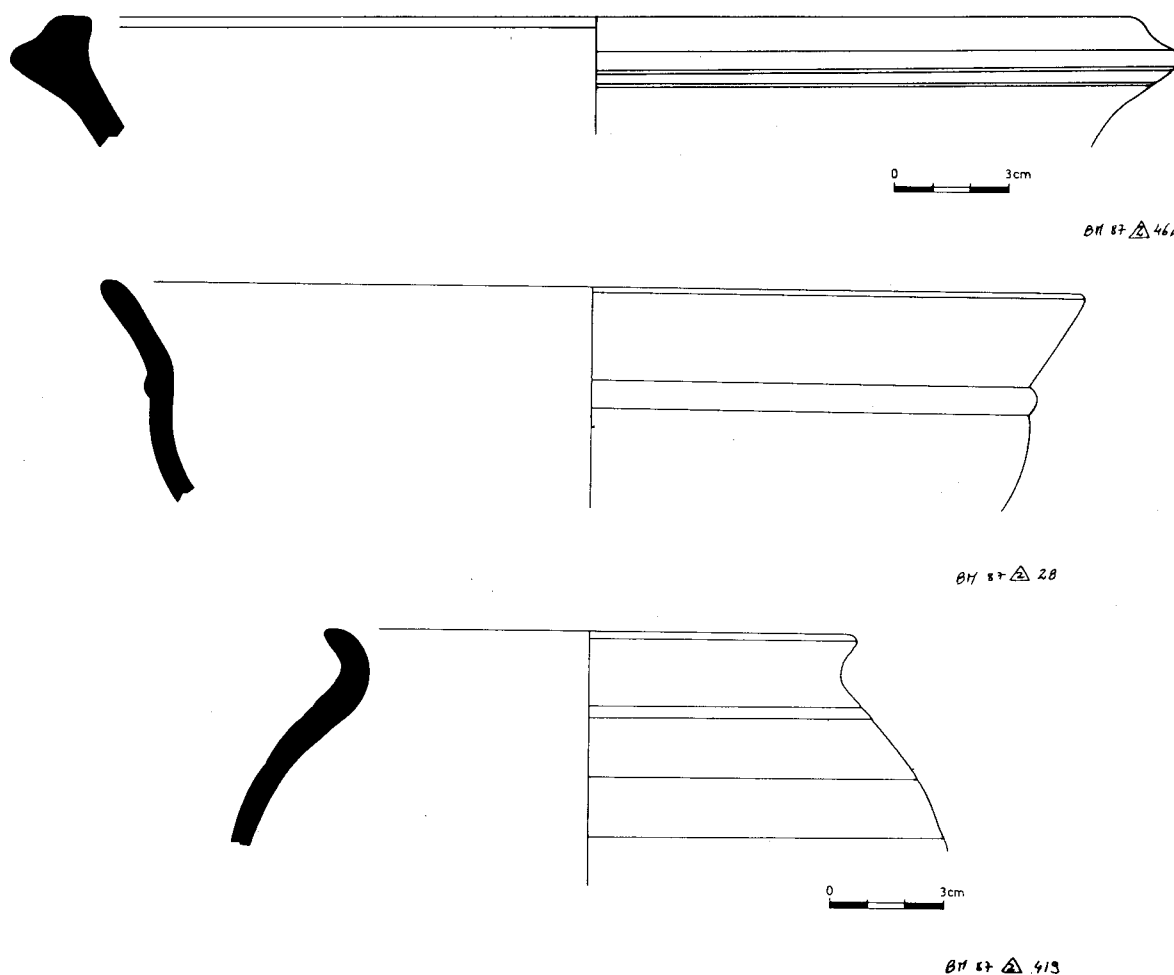


Fig. 5 — Três fragmentos de bordos de vasos em cerâmica comum, de cor cinzenta.

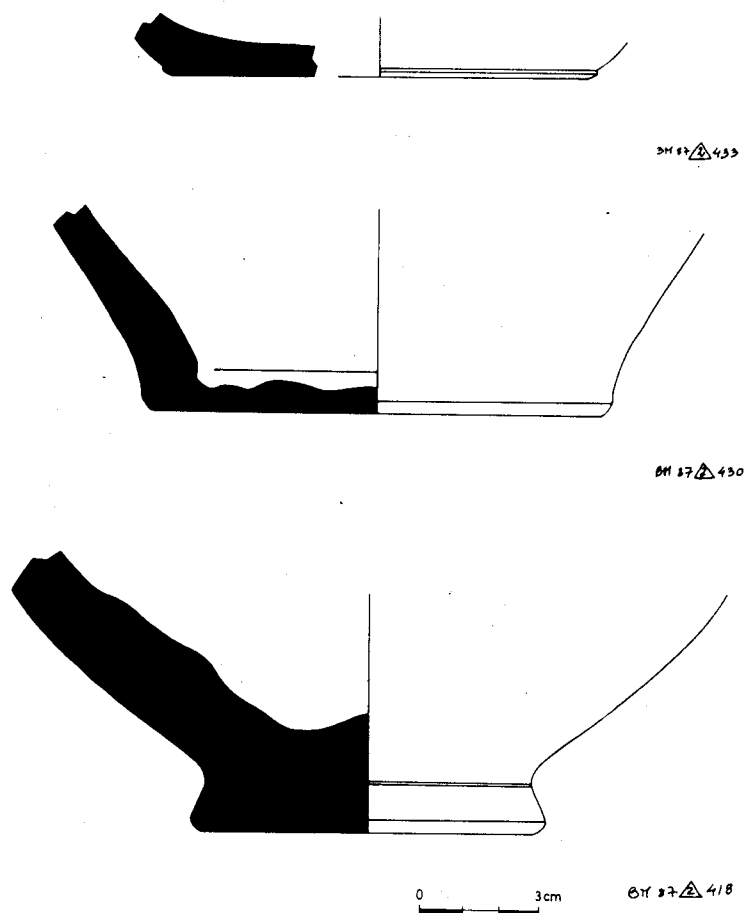
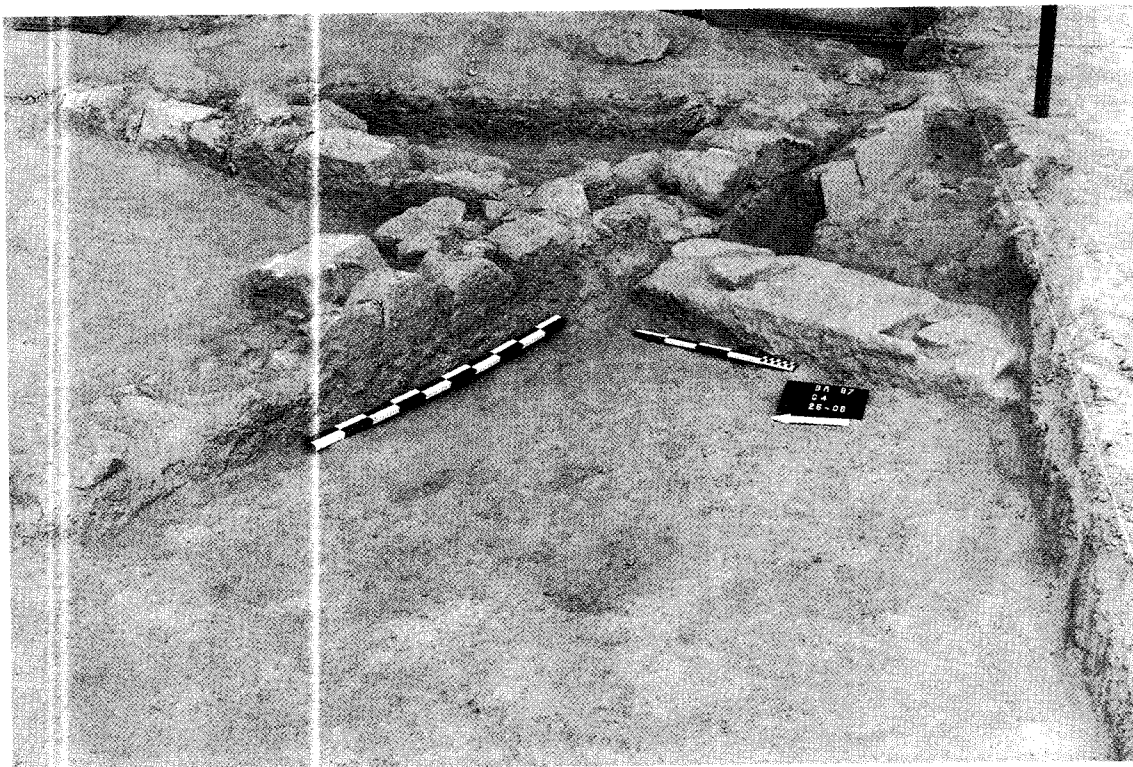


Fig. 6 — Três fragmentos de fundos de vasos de cerâmica comum.

importação, são elementos que parecem apontar no sentido se estar em presença de um sector de apoio (*para frumentaria*) a uma unidade mais ampla, muito provavelmente uma *villa rustica*, cuja localização não foi possível determinar, por se encontrar já submersa pelas águas da albufeira.

BIBLIOGRAFIA

- J. Alarcão. *Roman Portugal*, vol. II. Gazetteer, fasc. 1, Warminster 1988.
- F. Beirão, Obras na Marateca puseram a descoberto ruínas romanas, *Reconquista*, 2129, 1987.
- R. Carvalho e C. Vaz Pinto, Notícia preliminar da estação romana da barragem da Marateca. *I Jornadas de História Regional do distrito de Castelo Branco* (a aguardar a respectiva publicação das Actas).
- R. Carvalho. A estação romana da barragem da Marateca. *Informação Arqueológica* (a aguardar publicação).
- R. Carvalho, O forno cerâmico da estação romana da barragem da Marateca — Castelo Branco, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)* 1991.
- F. J. R. Henriques e J. P. Caninas. Levantamento arqueológico na área a submergir pela barragem da Marateca (Castelo Branco), *II Jornadas da Beira Interior — Actas*, II, Castelo Branco 1988.
- L. Rosa, Arqueólogos do Museu estudam estação romana, *Jornal do Fundão*, 3137, 1987.



Aspecto do quadrado G-4, com soleira de porta.

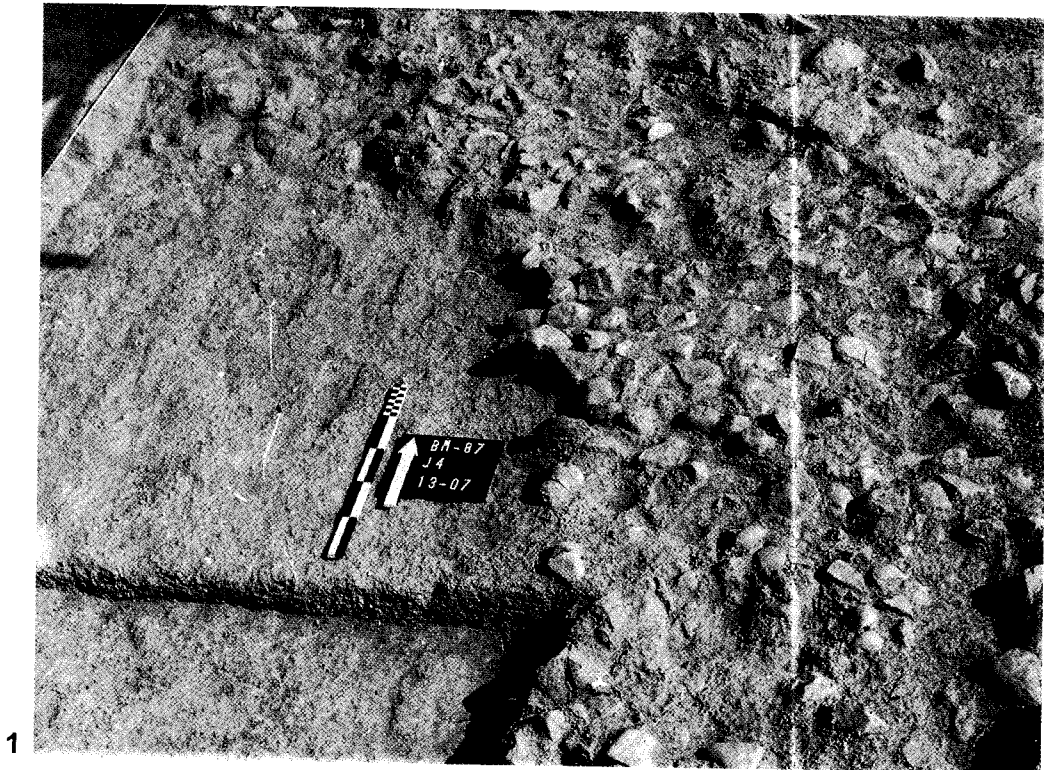
1



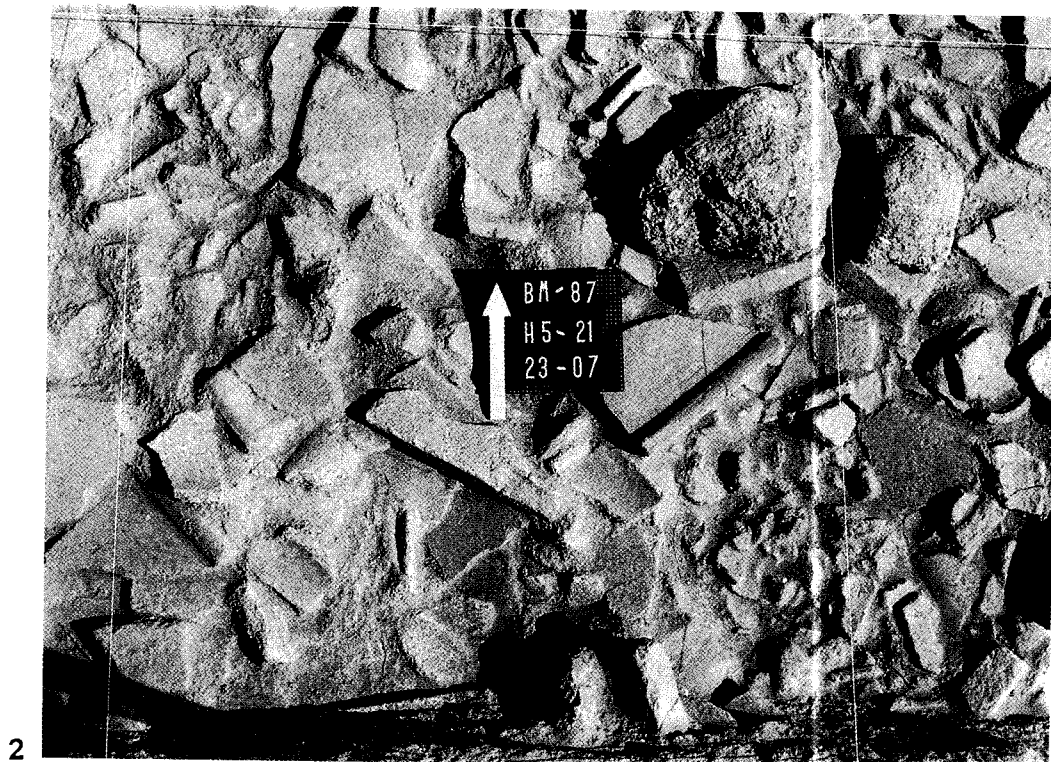
Dollium fragmentado, em G-5.

2

EST. 2



Derrube sobre pavimento térreo, em J-4.



Pormenor de derrube de telhado, em H-5.